

O DISCURSO DA GUERRA CULTURAL À BRASILEIRA NO BOLSONARISMO

Maruana Kássia Tischer Seraglio
Universidade Federal da Fronteira Sul
maruana.seraglio@estudante.uffs.edu.br

Eric Duarte Ferreira
Universidade Federal da Fronteira Sul
eric@uffs.edu.br

Eixo 08: Linguística, Letras e Artes

RESUMO

Esta tese de doutorado em andamento busca investigar o papel do discurso da guerra cultural no movimento bolsonarista no Brasil. Para isso, se propõe a análise de discursos oficiais do então presidente Jair Messias Bolsonaro durante o primeiro ano de mandato (2019). A pesquisa se inspira nos estudos foucaultianos e na Análise Crítica do Discurso. A guerra cultural pode ser entendida como um conflito entre duas visões opostas sobre questões que tenham uma ordem social e moral, como sexualidade, raça, família, educação, religião, entre outros. Por se tratarem de visões opostas, o adversário é visto como um inimigo que pode e de ser eliminado para que uma visão prevaleça sobre a outra. Enquanto os resultados e as discussões ainda estão pendentes, se enfatiza a importância de compreender o discurso político do movimento bolsonarista e sua aposta no discurso da guerra cultural.

Palavras-chave: Guerra Cultural. Bolsonarismo. Discurso.

INTRODUÇÃO

Os últimos processos eleitorais no Brasil têm movimentado a população entre esferas consideradas opostas e que carregam pré-conceitos sobre diversos temas. Antes de adentrarmos nas especificidades dessa tese de doutorado em andamento, precisamos mencionar e contextualizar a eleição de Jair Messias Bolsonaro como presidente do Brasil, em 2018. Durante aquele ano eleitoral, muito se disse sobre a divisão e a polarização da sociedade. As mídias, os candidatos e a própria população utilizavam nomenclaturas que dividiam o país entre, por exemplo, conservadores ou progressistas, de direita ou de esquerda, a favor de Bolsonaro ou de Haddad/Lula/PT. À vista disso e com base nas reflexões de Rocha (2021) sobre o bolsonarismo e a GC é que surgem as nossas inquietações e o nosso problema de pesquisa. Isto é, a GC esteve presente em diversos momentos na história brasileira, mas o que a específica atualmente é que a GC passa a ser o princípio vital do bolsonarismo.

Assim, propomos uma tese cujo objetivo geral seja investigar como o discurso da denominada GC emerge e passa a funcionar como imprescindível ao governo Bolsonaro. Isto é, não se trata apenas da recorrência da GC nos discursos de Bolsonaro e de seus simpatizantes. Entendemos que a GC é uma pauta que está sempre a retomar no discurso político bolsonarista, funcionando como a alma do Bolsonarismo, sem a qual o grupo “deixaria de existir”.

A partir disso, a pesquisa tem dois objetivos específicos: (1) Organizar e delimitar um quadro teórico sobre perspectivas da noção de GC. E com isso, pretendemos construir um panorama em torno do debate teórico e metodológico sobre a perspectiva da noção de GC, realizando algo próximo de um movimento arqueológico, isto é, buscamos autores que discorrem sobre a GC na Europa e nos Estados Unidos, até chegarmos em território brasileiro; (2) Determinar regularidades e particularidades da guerra cultural à brasileira.

Portanto, buscamos responder à pergunta: Qual é a função da GC no Bolsonarismo? Desse modo, a hipótese que orienta esta pesquisa é de que, muitos mais importante do que o Bolsonarismo, é a GC. Isto é, a GC é presente e recorrente nos pronunciamentos do ex-presidente Bolsonaro e possui singularidades que corroboram para uma especificidade ao Brasil, logo, temos uma GC à brasileira no discurso bolsonarista. Mas, mais do que isso, a GC alimenta e mantém o bolsonarismo vivo.

Apesar de entendermos que já apontamos algumas justificativas para essa pesquisa, acreditamos ser necessário sinalizar alguns itens que dão ainda mais relevância ao tema. O leitor deve estar se perguntando (se ainda não o fez, em algum momento refletiria sobre isso) sobre a importância de uma tese que propõe estudar um grupo político que atualmente não ocupa o principal cargo de poder (presidência). Pois bem, apesar da derrota nas urnas em novembro de 2022, destacamos que a diferença de votos válidos entre Lula e Bolsonaro foi menor que 1%, sendo a eleição com menor diferença de votos na história do Brasil; e o partido de Bolsonaro elegeu a maior bancada do Senado e da Câmara, construindo uma forte oposição ao governo atual. Portanto, apesar da derrota na presidência, o bolsonarismo demonstra força e representatividade nos demais espaços políticos. Além disso, enfatizamos que o término do mandato de Bolsonaro particulariza o período de quatro anos, tornando-o único e excepcional. Esses quatro anos do governo Bolsonaro são “irrepetíveis” e, com isso, justificamos a escolha da temática e a realização deste estudo, sendo de extrema necessidade e

importância compreender os discursos políticos do modelo de governo bolsonarista e sua dependência vital da GC.

MATERIAIS E MÉTODOS

Com relação à base teórico-metodológica e visando atender aos objetivos estabelecidos, esta tese tem inspiração foucaultiana e na Análise de Discurso Crítica (ADC), proposta por Fairclough. Assim, temos uma base teórico-analítica que contribui no resgate teórico para explicar a GC e definir cultura. E, portanto, transitamos nos limites das fronteiras entre Análise de Discurso (AD) e ADC.

Já sobre a metodologia da pesquisa, as análises ocorrem a partir de pronunciamentos do presidente Bolsonaro no primeiro ano de mandato, isto é, discursos oficiais de 2019. Selecionamos os discursos deste recorte temporal (janeiro de 2019 até dezembro de 2019) disponibilizados no sítio eletrônico do Planalto e, portanto, tratam-se apenas de discursos oficiais a partir de primeiro de janeiro de 2019. Entendemos que a GC está presente em discursos de Bolsonaro anteriores à eleição. Todavia, optamos pelos dizeres oficiais a partir da posse por considerarmos que esses discursos conferem maior visibilidade e peso ao dizer numa posição-sujeito presidente que se inscreve no discurso. Após a coleta de todos os discursos do primeiro ano de mandato, totalizando 205 arquivos, estamos em processo de escolha do corpus de análise, sendo já selecionados alguns: (1) cerimônia de posse; (2) cerimônia de recebimento da faixa presidencial; (3) nomeação do ministro da educação, Abraham Weintraub; (4) nomeação da ministra da mulher, da família e dos direitos humanos, Damares Alves.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Por essa tese estar em andamento, as análises sobre os *corpus* ainda não foram realizadas. Todavia, algumas discussões teóricas sobre a noção de GC são pertinentes e, portanto, apresentadas.

A ideia da existência de guerras culturais é relativamente frequente na história mundial, com seu aparecimento provocado por transformações sócio-históricas extremas na estrutura da sociedade e pela divisão dos sujeitos, a partir de batalhas políticas e teóricas travadas sobre temas relacionados à cultura. A origem da noção de “guerra cultural” é controversa. Alguns

autores apontam para eventos na França e na Alemanha. Todavia, foi após a publicação da obra *Culture Wars*, de autoria de Hunter, em 1991 nos Estados Unidos, que a expressão se popularizou. Naquele período, a sociedade norte-americana enfrentava diversos confrontos em torno de questões morais, como as legislações pró-aborto e as discussões sobre a definição de família, por exemplo.

Na perspectiva de Hunter (1991), a GC envolveria o conflito entre duas visões de mundo antagônicas: uma conservadora (associada à direita política) e uma progressista (relacionada predominantemente à esquerda). A GC traz em seu núcleo problemas de ordem social e moral, os quais podem envolver a sexualidade, a raça, a religiosidade, o comportamento, entre outros, até questões políticas e econômicas. Além disso, é necessário esclarecer que as discussões em torno da noção de GC são carregadas de disputas ideológicas, as quais a têm redefinido regularmente, caracterizando-a como contraditória e exagerada ou como explicação para todas as polarizações nas sociedades. Portanto, essas batalhas ideológicas parecem contribuir para a dificuldade que se tem em definir um conceito para a noção de GC. Como consequência da publicação de Hunter (1991), o termo “guerra cultural” ganhou cada vez mais visibilidade, fazendo parte do debate intelectual entre os defensores e os contrários à sua existência. A própria mídia começou a veicular que os Estados Unidos estavam divididos, utilizando com frequência mapas políticos de estados azuis (representando o Partido Democrata, visto como liberal e progressista) e vermelhos (correspondendo ao Partido Republicano, considerado como conservador e ortodoxo). Assim, a GC seria o resultado da sociedade dividida ao meio com um alto grau de polarização, motivando esses dois grupos a travarem guerras envolvendo temas culturais. A consequência disso seria “a impossibilidade de estabelecer um debate político, ocasionando a radicalização da disputa em torno dos temas ditos culturais, o que [...] significaria que, sem exceção, toda a sociedade estaria disposta a travar essas batalhas e a política do país se pautaria exclusivamente por elas” (SOUZA, 2014, p. 15).

Ao nos direcionarmos ao cenário político brasileiro, o livro *Guerra cultural e retórica do ódio*, de autoria de Rocha e publicado em 2021, tem sido consultado para entender a relação entre a GC e o governo Bolsonaro. Na perspectiva de Rocha (2021), a GC representaria um entendimento reacionário do mundo, cuja consequência é a eliminação de tudo que seja diferente. Ademais, para o autor, a GC é a origem e a forma do bolsonarismo, uma vez que o

governo utiliza da retórica do ódio (técnica discursiva) para benefício. Além disso, destacamos e acrescentamos que a GC não nasce repentinamente com Bolsonaro. Se olharmos para a história nacional, episódios anteriores ao bolsonarismo carregam traços da GC, como por exemplo a marcha pela família em 1964. Apesar disso, evidentemente, esses episódios não expressam a força e a relevância que a GC desempenha atualmente no contexto cultural, político, social e econômico brasileiro.

CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da fase inicial de pesquisa e de análise, consideramos que as décadas posteriores à publicação da obra de Hunter (1991) evidenciavam que os debates em torno de temas sociais, políticos e econômicos tornar-se-iam ainda mais frequentes e drásticos, impulsionando a divisão da sociedade entre apoiadores e críticos de visões opostas sobre os mais diversos tópicos. Ademais, olhando o contexto brasileiro e o governo bolsonarista, entendemos que os constantes ataques às pautas progressistas, à denominada ideologia de gênero, entre outros, além da defesa de costumes e de valores “tradicionais/cristãos”, tornam-se de tamanha relevância (como o combustível na engrenagem), de modo que o bolsonarismo depende da manutenção da GC.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho está sendo realizado com apoio da CAPES – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

HUNTER, James Davison. **Culture Wars: the struggle to define America**. New York: BasicBooks, 1991.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político**. 1. ed. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos. 2021.

SOUZA, Marco Aurélio Dias de. **O fim da Guerra Cultural e o conservadorismo estadunidense?** Uma leitura sobre a trajetória de ascensões e quedas da direita religiosa americana. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/116013>. Acesso em: 23 fev. 2022.